

Tatuagem, pertencimento e subjetividade feminina no cenário urbano de FortalezaLuiza Jovina Barbosa Girão 1 (UECE)¹,luiza.jovina@aluno.uece.br**RESUMO**

O presente resumo apresenta uma pesquisa em andamento que investiga como a tatuagem pode atuar na construção de sentidos sobre o corpo de mulheres gordas na cidade de Fortaleza (CE), articulando debates sobre identidade, pertencimento e autoestima. Partindo de uma perspectiva sociológica e antropológica do corpo, este resumo busca compreender de que maneira a tatuagem pode operar como prática de ressignificação corporal em um contexto social marcado pela gordofobia e por padrões estéticos normativos que hierarquizam os corpos. A pesquisa parte também da minha experiência enquanto mulher gorda, tatuadora e pesquisadora. Em uma sociedade, onde “o corpo feminino, de alguma maneira, sempre esteve ligado a padrões de beleza” (Jimenez, 2022, p. 20) atualmente, existe uma predileção por um corpo magro, malhado e jovem, o que faz com que a mulher sofra muitas cobranças a cerca do ideal de beleza, “contudo, a mulher gorda sofre ainda mais, pois o corpo gordo numa sociedade que valoriza a magreza, será sempre estigmatizado como feio, doente, sujo. (Jimenez, 2022, p. 21), tudo isso faz com que mulheres sofram com uma exclusão social e violência simbólica, que afetam diretamente suas percepções sobre si mesmas e suas possibilidades de pertencimento social. Assim, essas mulheres são frequentemente posicionadas como sujeitos “fora do lugar”, tendo sua legitimidade social constantemente questionada. É nesse contexto que a tatuagem emerge como objeto central desta investigação. Se, historicamente, a tatuagem também foi associada ao desvio, à marginalidade e a grupos subalternizados, sua trajetória recente aponta para processos de ressignificação, profissionalização e valorização estética (Le Breton, 1995). A aproximação existente entre esses dois marcadores historicamente estigmatizados (o corpo gordo e a tatuagem) revela tanto os mecanismos de controle que operam sobre determinados corpos quanto as possibilidades de subversão desses mesmos mecanismos. Assim, a problemática central desta pesquisa consiste em compreender se e de que maneira mulheres gordas podem se utilizar da tatuagem como linguagem estética, narrativa pessoal e prática de resistência frente à gordofobia, transformando o corpo, antes marcado pela vergonha e pela negação, em superfície de afirmação identitária e presença social.

Palavras-chave: Tatuagem. Corpo Gordo. Mulheres. Gordofobia. Pertencimento.

¹ Graduanda em Ciências Sociais (UECE). Lattes:

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, os sentidos atribuídos à gordura corporal não são naturais, mas social e culturalmente construídos, “a percepção que temos do corpo muda ao longo do tempo” (Foxcroft, 2011 p. 14). Em determinados períodos históricos a gordura esteve associada à fartura, status e poder, no entanto, na contemporaneidade ela passa a ser vista como sinônimo de feiura e doença, o indivíduo gordo passa a ser alvo de humilhações e desprezo (Silva, 2021), contrariamente, “o corpo magro e esbelto figura como um padrão de beleza associado à noção vigente de saúde.” (Arruda; Silva, 2022). Essa hierarquização corporal não produz apenas uma exclusão simbólica, como também a negação da sensação de pertencimento, entendido como um recurso social disputado, que a sua concessão depende do reconhecimento e da atenção do espaço social. No caso das mulheres, essa normatização é ainda mais intensa, uma vez que “a moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do (seu) corpo.” (Bourdieu, 1998, p.51). Nesse cenário, o corpo gordo feminino ocupa uma posição de marginalidade simbólica, sendo frequentemente excluído dos espaços de reconhecimento social, pois, “o padrão de beleza idealizado, desde muito antigamente, constituía-se de corpos femininos brancos, traços “finos”, esbeltos, altos, loiros” (Azevedo, 2024, p. 32).

É nesse contexto que a tatuagem emerge como objeto central desta investigação. Se, historicamente, a tatuagem já foi associada ao desvio, à marginalidade e a grupos subalternizados (Caplan, 2000), sua trajetória recente aponta para processos de ressignificação, profissionalização e valorização estética, entendendo que a tatuagem, por ser um símbolo, possui a capacidade de portar significados que ultrapassam o sentido visual, pois são representações que fazem emergir um sentido secreto, já que são como a “epifania de um mistério” (DURAND, 1988, p. 15) capazes de sustentar memórias, histórias e anseios. No Brasil, sobretudo a partir dos anos 1990, a consolidação de estúdios de tatuagem e a busca por reconhecimento artístico e social contribuíram para deslocar parcialmente os sentidos negativos atribuídos a essa prática (Pérez, 2006), entendendo por tatuagem, a prática de técnicas voluntárias de inserção de um pigmento permanente na pele, que tenham como fim comunicar, ornamentar ou expressar algo.

Assim, a problemática central desta pesquisa consiste em compreender se e de que maneira mulheres gordas se apropriam da tatuagem como linguagem estética, narrativa pessoal e prática de resistência frente à gordofobia, transformando o corpo, antes marcado pela vergonha e pela negação, em superfície de afirmação identitária e presença social.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa desenvolvida por meio de histórias de vida, de forma qualitativa e de inspiração biográfica e etnográfica, que se desenvolve por meio de entrevistas semiestruturadas com mulheres gordas e tatuadas, com idades entre 18 e 50 anos, residentes em Fortaleza (CE). A metodologia aplicada permite compreender como as participantes constroem narrativas sobre seus corpos, suas trajetórias e os significados atribuídos à tatuagem em suas experiências pessoais (Chauí, 1987).

As entrevistas serão conduzidas a partir de um roteiro flexível, priorizando a escuta sensível e a espontaneidade dos relatos. Entre os eixos abordados estão: a relação com o corpo antes e depois da tatuagem; os significados atribuídos às escolhas estéticas; e situações em que a tatuagem atuou como recurso de enfrentamento à gordofobia. As entrevistas são transcritas integralmente e anonimizadas, respeitando os princípios éticos da pesquisa.

A pesquisa também se ancora em uma perspectiva etnográfica, entendida como um modo de compreender as experiências que ultrapassam o discurso verbal, atentando para gestos, emoções, silêncios e contextos de interação (Mattos, 2011). O diário de campo constitui instrumento fundamental para o registro dessas dimensões.

Inicialmente, as participantes são mulheres que mantiveram vínculo profissional comigo no contexto do estúdio de tatuagem, escolha que se justifica pela relação de confiança previamente construída. Posteriormente, pretendo ampliar o campo empírico para incluir outras mulheres que se identifiquem com os objetivos da investigação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados iniciais da pesquisa, baseados em observações empíricas e na experiência profissional, indicam que a tatuagem tem desempenhado um papel significativo na forma como mulheres gordas passam a se relacionar com seus corpos.

Muitas participantes relatam uma mudança na percepção corporal após a conclusão do atendimento, ainda que reconheçam que a tatuagem não elimina os episódios de gordofobia ou de discriminação, tampouco que a nova marca corporal seja capaz de acabar com os estigmas que recaem sobre seus corpos, no entanto, a possibilidade de decidir sobre a arte que será tatuada, seu significado e sua localização no corpo, surge como um exercício concreto de autonomia corporal, no qual essas mulheres podem escolher ativamente o que será inscrito em sua pele, considerando que não se tem controle sobre a forma como seus corpos são lidos socialmente. Em seus relatos é possível perceber como elas passam a perceber seus corpos como espaço de expressão e orgulho e dessa forma, se enxergam como um “sujeito ativo na produção de sentidos sobre si mesma.”

Pode assim dizer, que a tatuagem aparece, nesses relatos, como uma tecnologia de si (Foucault, 1982), por meio da qual as mulheres exercem agência (Gell, 1998, p. 45) sobre seus corpos, reinscrevendo sentidos que confrontam a lógica da vergonha e da invisibilização. Ao marcar a pele, percebe-se que essas mulheres não apenas adornam o corpo, mas produzem narrativas que reforçam sua presença social e sua legitimidade enquanto sujeitos.

A partir de alguns depoimentos é possível compreender a tatuagem como uma prática que ultrapassa as dimensões estéticas, configurando-se também como um instrumento de transformação pessoal, especialmente para mulheres que se utilizam da arte como forma de comunicação pessoal perante os desafios sociais (Foucault, 1976, p. 92) que marginalizam seus corpos por meio de padrões estéticos excludentes e distantes de suas realidades corporais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A milenar prática da tatuagem é carregada de uma pluralidade de significados (Jeha, 1970, p. 21). A partir dessa ideia, este resumo propõe compreender como a tatuagem, embora não acabe as violências simbólicas existentes nos episódios de gordofobia, opera como um

potente recurso de resignificação corporal. Ao permitir a escolha consciente sobre o que se deseja marcar na própria pele, a tatuagem reafirma a autonomia e a agência de mulheres que tem seus corpos historicamente, controlados, vigiados e deslegitimizados pelo olhar social.

Os resultados preliminares desta pesquisa, ainda em fase de desenvolvimento, indicam que a tatuagem contribui para um deslocamento na relação dessas mulheres com sua própria corporeidade. Esse processo permite que o corpo se desloque do lugar de alvo de estigmatização para um campo de expressões e narrativas de afirmação identitária. Nesse cenário, a tatuagem pode ser compreendida, na perspectiva de Michel Foucault, como uma "tecnologia de si", capaz de produzir novas formas de pertencimento em um contexto urbano marcado por relações de poder e padrões estéticos excludentes (Foucault, 1976, p. 108).

Teoricamente, o estudo contribui para o campo das pesquisas sobre corpo, gênero, poder e cultura ao articular marcadores estigmatizados, como, o corpo gordo feminino e a tatuagem. Ao situar as experiências vividas por essas mulheres na cidade de Fortaleza, a investigação amplia o debate sobre ocupação urbana e reconhecimento social, partindo das próprias vivências locais.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, reconhecem-se limites que serão aprofundados nas etapas seguintes. Pretende-se intensificar a análise das narrativas e expandir o diálogo com outras mulheres que compartilham experiências similares, fortalecendo a compreensão dos sentidos atribuídos às trajetórias de vida estudadas.

Por fim, espera-se que este trabalho colabore não apenas com o campo acadêmico, mas também com a reflexão crítica sobre a regulação cotidiana de determinados corpos. É urgente discutir como esses sujeitos precisam ser "autorizados" diariamente a ocupar espaços e reivindicar pertencimento na cidade, enfrentando as barreiras e os direitos negados em função de suas dimensões corporais (Jimezez, 2022, p. 22).

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Cecília dos Santos. Introdução. In: **Relatos da Pesquisa Gorda: Grupo de Estudos Transdisciplinares das Corporalidades Gordas no Brasil**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Agência de Iniciativas Cidadãs, 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica.** Tradução de Maria Helena Kühner. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CAPLAN, J. (Ed.). **Written on the body: The tattoo in European and American history.** Princeton University Press, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Apresentação: os trabalhos da memória.** In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.7

DURAND, Gilbert. **Imaginação simbólica.** São Paulo: Cultrix, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976.

FOUCAULT, Michel. **L'herméneutique du sujet. Cours au Collège de France (1981-1982).**

FOXCROFT, Louise. **A tirania das dietas: dois mil anos de luta contra o peso.** Tradução de Luis Carlos Borges. São Paulo: Três Estrelas, 2011.

GELL, Alfred. **Arte e agência: uma teoria antropológica.** Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 1998.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda.** 2. ed. São Paulo: Jandaira, 2022.

LE BRETON, David. **La sociologie du risque.** Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1995.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães; CASTRO, Paula Almeida de. **Etnografia e educação: conceitos e usos.** Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011.

PÉREZ, Andrea Lissett. **A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade.** 2006. 185 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SILVA, Isabelle Fernanda da. **Corpo gordo transgressor: redefinindo a imagem da corpulência.** 2021. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Escultura) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.